

## O Alfenense

### O seu site de notícias!

A Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú, professora e pesquisadora da Universidade de Brasília e colaboradora na Universidade Federal de Alfenas, coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem e Inclusão (LEPAI), autora de livros, capítulos e artigos em periódicos nacionais e internacionais, concedeu entrevista ao **O Alfenense** sobre todo o contexto que envolve o autismo.

#### **O Alfenense: O que é o autismo?**

**Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú:** Segundo a 5ª versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V), publicado em 2013 pela Associação Americana de Psiquiatria, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é compreendido como um transtorno do neurodesenvolvimento que sinaliza a existência de dificuldades de interação social, problemas de comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos. O DSM-V classifica o TEA por níveis de comprometimento em: leve (N1), moderado (N2) e grave ou severo (N3). Conforme o nível de comprometimento, maiores são as demandas de apoio à pessoa com TEA.

No TEA se configura, predominantemente, interações sociais singulares propensas ao isolamento, distintos processos e modos de aprender, presença de interesses particulares relacionados às temáticas específicas, disposição variável às rotinas, dificuldades na área da linguagem sendo muito perceptíveis no ato da comunicação, além de peculiaridades no processamento das informações sensoriais.

De acordo com Oliver Sacks, um importante neurologista e escritor que nos deixou em 2015, o autismo deve ser concebido como um modo de ser complexo, não apenas como uma patologia. Em outras palavras, podemos dizer que o diagnóstico do autismo não define uma pessoa, mas é uma singularidade que também constitui sua subjetividade.

#### **O Alfenense: Como se dá o diagnóstico de autismo?**

**Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú:** Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) 1 em cada 160 crianças apresenta o Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo a estimativa de 1 % da população planetária, cerca de 70 milhões de pessoas, prevalência de 4 casos para o sexo masculino e 1 para o feminino. Estima-se que no Brasil tenhamos cerca de 2 milhões de pessoas com autismo.

O diagnóstico de TEA costuma ser realizado pelo neurologista e/ou psiquiatra junto com uma avaliação multidisciplinar constituída por pedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional. O diagnóstico precoce, antes dos 2 anos de idade, tem sido defendido como muito importante para que sejam desenvolvidas as melhores ações terapêuticas e educacionais para o acompanhamento do desenvolvimento da criança. Por isso, o conhecimento do assunto pelo pediatra é algo imprescindível. No entanto, a maioria das

crianças tem tido acesso ao diagnóstico bem após os 3 anos de idade. Atualmente, diversas pessoas têm sido diagnosticadas com TEA na idade adulta.

O acesso ao conhecimento sobre o “autismo” é fundamental para a eliminação de todas as formas de ignorância, preconceito, discriminação, segregação e exclusão social, bem como para seu tratamento e acompanhamento visando melhor qualidade de vida para a pessoa com TEA e seus familiares.

Importante dizer que embora o diagnóstico de TEA seja universal, as pessoas são únicas e singulares. As pessoas não se repetem! Da mesma maneira, as pessoas com autismo se diferem como qualquer ser humano, pois a diferença é um atributo próprio da espécie humana: Somos Todos Igualmente Diferentes!

### **O Alfenense: O autista pode ter uma vida normal em sociedade?**

**Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú:** Nossa sociedade não é nada normal! Se fosse normal, entenderia plenamente que somos todos diferentes. O normal seria aceitar a diferença como constituinte do ser humano.

Quando compreendemos que as pessoas são diferentes, entendemos também que elas têm um modo próprio de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas sendo diferentes. Portanto, se elas são diferentes, elas têm capacidades, habilidades, potencialidades, dificuldades, limitações, modos de perceber o mundo e de reagir de formas diversas e distintas.

Considerando os 3 distintos níveis de comprometimento do TEA (leve, moderado e grave), encontramos pessoas com severas dificuldades, muitas estão completamente excluídas do convívio social. Isso poderia ser contornado se tivéssemos políticas públicas voltadas para o tratamento com medicações modernas, atendimento terapêutico de alta qualidade pelo SUS e acompanhamento educacional especializado dentro das escolas públicas e privadas do país. As famílias das pessoas com autismo severo sofrem muito pelo descaso dos representantes públicos das esferas municipal, estadual e federal.

Engana-se quem pensa que toda pessoa com autismo tem limitações cognitivas e que todas precisam de tratamento medicamentoso. Há pessoas com autismo que apresentam dificuldades na área da linguagem e na interação social, mas que são trabalhadoras e se encontram atuando como professores, matemáticos, cientistas, médicos, fotógrafos, músicos, desenhistas, pintores, cozinheiros, escritores... Há pessoas com autismo que são solteiras, outras são casadas, há as que são mães e pais.

Graças a política nacional de educação na perspectiva inclusiva e o acervo de documentos e legislações pró inclusão, essas mesmas que têm sofrido abalos sísmicos pelo governo federal, é que temos encontrado cada vez mais um número significativo de crianças com autismo matriculadas em escolas na rede regular comum. Apesar das dificuldades encontradas pela falta de investimento na educação pública, muitas pessoas com autismo têm avançado para o ensino médio e outras já se encontram em cursos universitários. Esse acontecimento não era nada comum antes de 1996, antes da LDBEM 9394/96.

Neste sentido, as singularidades do TEA demandam que nossa sociedade seja cada vez mais empática e menos excludente.

### **O Alfenense: Em relação a sentimentos, o autista tem sentimentos, expressa seus sentimentos?**

**Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú:** “Eu sonho que um dia poderemos crescer em uma sociedade amadurecida onde ninguém seria “normal ou anormal”, mas apenas seres humanos, aceitando qualquer outro ser humano, pronto para crescerem juntos”. Essas palavras são de Tito Mukhopadhyay, um homem indiano com diagnóstico de autismo severo.

Birger Sellin, um rapaz alemão, escreveu: “Em qualquer caso, quero aprender a escrever corretamente porque é o caminho que leva à independência. Este mundo precisa simplesmente saber como é estar enterrado vivo. A solidão de um autista é como uma massa de barro que prolifera na alma”.

Carly Fleischmann que não falava, escreveu no computador: “Querido pai, amo quando o senhor lê para mim e te amo porque você acredita em mim. Sei que não sou a menina mais fácil de cuidar que existe, mas você está sempre me dando forças. Te amo!”

Naoki, um jovem japonês disse: “Experimentamos as mesmas emoções que vocês. E, por não sermos hábeis em nos expressar, podemos ser ainda mais sensíveis. Preso aqui dentro deste corpo desobediente, com sensações que não temos como compartilhar de forma adequada, existe uma luta constante para sobreviver”.

Esses jovens receberam o diagnóstico de autismo severo. Eles não têm sentimentos? Será que nós temos parado para ouvir com sensibilidade o que as pessoas com autismo têm a nos dizer?

Na minha opinião, quem não tem sentimentos é nossa escória de políticos que vive como monarcas enquanto nosso povo padece à mingua sem trabalho com salários decentes, sem moradias acolhedoras, sem transporte público confortável e gratuito, sem educação democrática e inclusiva de alta qualidade, sem oxigênio, sem vacinas!

### **O Alfenense: Como a questão do autismo é tratada em nossa sociedade?**

**Profa. Dra. Sílvia Ester Orrú:** Nossa sociedade é altamente excludente e cruel. Ela padroniza como as pessoas devem viver, agir, vestir, aprender, como elas devem ser. E quando alguém se difere desse padrão, a pessoa é tratada como “anormal”. Daí vem a ignorância inqualificável de insultar um outro alguém como “autista”.

Essa barbaridade incivil tem sido proferida, comumente, por políticos e influentes. Quando querem ofender um adversário, usam do termo “autista” como forma de desqualificar o outro.

É inaceitável destratar quem quer que seja, ainda mais políticos, usando o termo “autista”. A forma mais próxima do aceitável é, após o ajuntamento de provas cabíveis, nomeá-las de desonestas, mequetrefes, energúmenos, exploradores, opressores, genocidas... e então afastá-las da representação pública por meio de processos legítimos e democráticos. Às

pessoas com autismo, todo nosso respeito! Finaliza a entrevista a Prof. Dra. Sílvia Ester Orrú.

[www.oalfenense.com.br](http://www.oalfenense.com.br)